

A Architectura Portugueza





REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARCHITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Collaborada por architectos e escriptores d'arte portuguezes

	ANNO I — N.º 7	JULHO — 1908	
SUMMARIO			
PREDIO DO DR. GUILHERME AUGUSTO COELHO, pelo architecto Adães Bermudes — <i>Dr. José de Figueiredo.</i>			
O MONUMENTO DE MAFRA — Inedito, com annotações de <i>Julio Ivo.</i>			
PROJECTO DO PREDIO DO DR. GUILHERME AUGUSTO COELHO — Architecto, Adães Bermudes.			
INTERCALARES XIII E XIV, DO PROJECTO.			
ASSIGNATURA PAGAMENTO ADIANTADO			
	Trimestre 300	<i>Para os países da União Postal</i>	
	Semestre 1.800	Anno 4.500	
	Anno 3.500	Annucios pela tabella, conforme o espaço.	
	Avulso 400		

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MARIA ANDRADE, 10, 2.º — LISBOA

Composto e impresso no
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL
Rua da Conceição da Gloria, 76 e 80

1908

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construcção
e de architectura pratica

PORTUGUEZA

Director-proprietario: MARIO COLLARES

Secretario da redacção: MARIO A. S. DUARTE

Composto e impresso no Centro Typographico Colonial—R. Conceição da Gloria, 78 e 80
Photographias de Achilles—Gravuras de Pires Marinho & C.ª

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA MARIA ANDRADE, 10, 2.º—LISBOA

Predio do Dr. Guilherme Augusto Coelho, pelo architecto Adães Bermudes

Emquanto todas as outras artes plasticas, em Portugal, soffrem do excesso de critica, suppondo-se todos auctorizados a sentenciar sobre um desenho, uma tela ou uma esculptura, a architectura soffre precisamente da falta de julgadores, que, defendendo-a ou combatendo-a, a poriam, entretanto, em evidencia marcando-lhe, nitidamente, o logar de honra a que tem incontestavel direito.

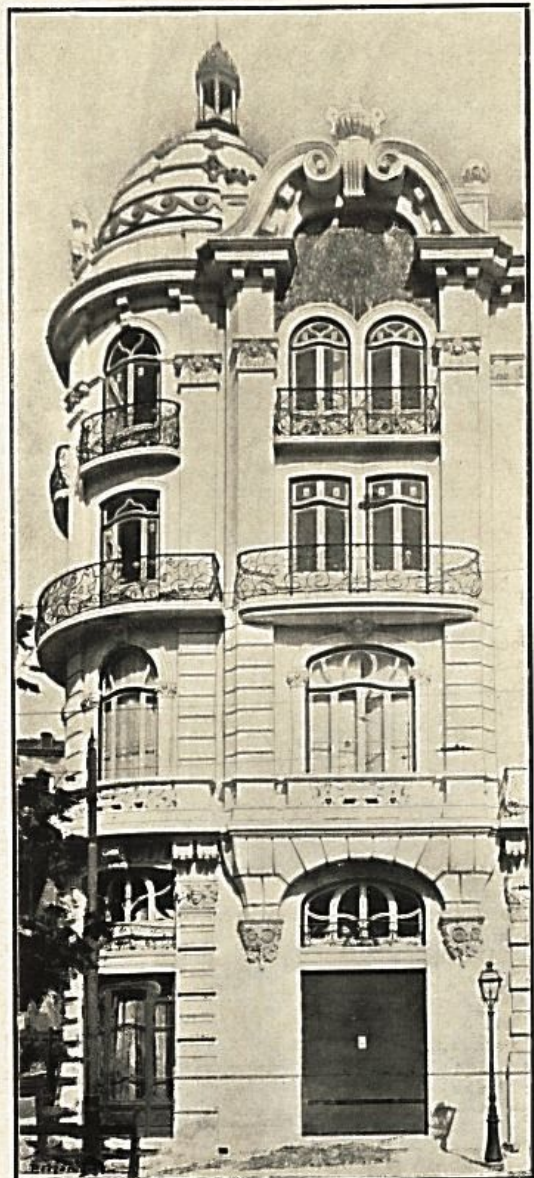
Quando muito, em frente d'uma construcção, esses criticos admiram a riqueza das suas fachadas e a maior ou menor força ou a maior ou menor delicadeza dos seus detalhes. Mas, o equilibrio e, por assim dizer, a sua feição social, consequente do seu caracter e da sua força expressiva, essas quasi sempre escapam, por completo, á maioria dos que se tem proposto julgar as nossas artes, e só o grande publico, ao passar, por acaso, deante d'um edificio, instinctivamente, por vezes, o sente, e vaga e incompletamente, exprime essa sua boa e justa sensação.

D'ahi, d'este silencio que envolve em Portugal a architectura, o triumpho absoluto do mestre d'obras, do engenheiro, e de todos os que, sem elementos para caracterisar fundamentalmente a obra architectural, podem entretanto, pela imitação de certos detalhes de exteriorisação, dar á grande massa e á turba multa dos julgadores mais ou menos officiaes, a impressãe de riqueza e brilho, unica que elles procuram

E isto é terrivel, porque esta falsa comprehensão da architectura, traz ainda outra mais perigosa consequencia: a de se julgar que só um edificio d'um grande custo póde ser realmente bello, afastando-se a possibilidade da obtenção d'esse effeito dos edificios cujos orçamentos são restrictos e pequenos. As qualidades plasticas, que devem ser inherentes ás condições de utilidade e commodidade, separam-se por esta forma, e o mesmo homem que, raramente, comprehende uma creatura sadia n'uma creatura disforme, defende, como um principio verdadeiro, a separação do util do bello. Ainda presos á escola do seculo XVIII, em que os festões se dependuravam ao longo das fachadas sem outra causa que não fosse a de concorrerem para a sua decoracão, e em que as curvas se entrecruzavam marcando aberturas que quasi sempre não tinham correspondencia rigorosa no interior, a harmonia das proporções, a escolha justa do material e o seu aproveitamento logico, isto é a precisão e equilibrio structural das construcções, são cousas que a maioria d'esses julgadores nem sequer suspeitam possam concorrer para um effeito de belleza. E, n'esta desgraçada corrente, o architecto, a unica entidade que sabe jogar com todos esses elementos, e a unica portanto que póde, conjunctamente, realisar as construcções mais economicas, mais uteis e mais bellas, é posta, entre nós, e geralmente, de parte não só pelos particulares, mas até mesmo pelas regiões officiaes, como ainda ha pouco se viu quando se organisou a commissão que tem de presidir á projectada edificacão de nucleos de casas baratas. Tudo ahi entrou. Só os architectos ficaram de fora!

E isto é significativo porque mostra que, desgraçadamente, n'este campo, como em muitos outros, a desorientação continua. A invasão de attribuições em architectura é hoje, como hontem, infelizmente, um facto, e tanto mais de espantar quanto nenhuma razão acceitavel tem a justificar-o.

O ambito da acção dos engenheiros é já de si grandemente amplo. Jupiters d'uma nova religião, que pode dizer-se nascida no seculo XVII, e, entre nós, só verdadeiramente

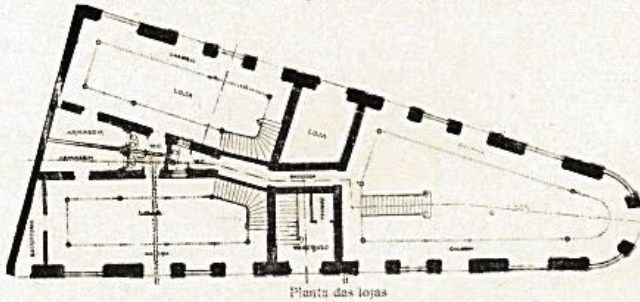


Detalle do torreão do gavêto e «bow-window» lateral

enraizada no seculo XIX, elles enfeixam nas suas mãos todos os elementos da natureza, elementos que dominam e de que arrancam os mais maravilhosos resultados, vencendo as dis-

tancias, transformando as correntes naturaes em economicos e poderosos motores, o fogo em velocidade, e levando alem de milhares de legoas, com a rapidez do raio, o pensamento humano. Mas, por isso mesmo, é justo que o seu poder não vá além do que, racionalmente, lhes compete. Teem campo demais para, a dentro d'elle, demonstrarem a grandeza da sua força. A arte architectural, para que não são preparados, e com que até, por educação, são naturalmente incompativeis, deve estar fora da sua alçada. (1)

Mas, embora assim não devesse ser, o que é verdade é que a engenharia continua a superintender nos nossos serviços de architectura, e, por isso, e pelo triumpho absoluto do mestre d'obras, a cidade, apesar do combate, sem descanso,



dos nossos poucos numerosos architectos, e dos, ainda menos numerosos, homens de gosto que os apoiam, se vae tornando, dia a dia, cada vez mais feia, fazendo mesmo recordar com saudade a velha cidade pombalina que, tão desgraçadamente, veio substituir, após o terremoto, a linda e pittoresca Lisboa do periodo gothico e da renascença. Pela sua uniformidade, o estylo jesuitico, dominante na epoca do grande marquez, revestia ainda, na sua secura e rigidez, uma certa grandeza. As casas de hoje, nem isso. Deseguaes em altura, e excedendo, na sua maioria, em muito, a boa e equilibrada medida dos tres pavimentos do seculo XVIII, e, a ainda melhor, de um unico andar nobre em uso no seculo anterior, as construcções da Lisboa moderna, sendo, na sua quasi totalidade, más isoladamente, não se salvam nem sequer em conjuncto, dando, no seu amontoado, uma impressão de fealdade e miseria que faz tristeza.

E esta tristeza é tanto maior, quanto, como nenhuma outra, pela sua disposição natural, Lisboa se prestava a um admiravel arranjo esthetico, dia a dia mais difficil, visto as suas largas avenidas, cortadas todas á custa de tão grandes sacrificios pecuniarios, se irem enchendo de specimens ou banaes ou dispartados.

N'estas circunstancias, uma construcção como a que acaba de levantar o architecto Adães Bermudes, no Largo do Intendente, merece applauso especial, como o merecem as construcções que, nestes ultimos annos, teem feito, com difficuldades de toda a ordem, architectos como os srs. Ventura Terra, Alexandre Soares, Norte, Parente, Alvaro Machado, Raul Lino, Bigaglia, etc. Todos esses edificios vem concorrer para a educação artistica geral, desbravando o caminho que começou a ser aberto pelo velho Parente, e, em que, ao deante, Luiz Monteiro, ainda hoje, felizmente, em plena actividade, representou um tão importante papel.

Deante da casa agora construida por Adães Bermudes, cuja relativa barateza é o melhor argumento com que póde responder-se aos que, persistindo em separar, na architectura, o bello do util, se pretendem justificar com a carestia que a intruducção do elemento artistico traz ás construcções, é possível que os criticos, de que acima fallamos, parem, louvando, a belleza da sua decoração, e, já um pouco mais iniciados, acabem por censurar-lhe a falta de caracter.

(1) E' claro que alguns engenheiros ha que, pelas suas disposições naturaes e pelo seu aturado estudo, teem, sem exercerem a architectura, auctoridade em questões d'esta arte; e, citando, lembraremos os srs. Pinto da Veiga, Simões de Carvalho e Fuschini. Mas, sendo verdadeiras excepções, não destroem o que acima dissemos, tanto mais quanto o seu campo de acção teria ainda assim de ser em geral, differente do dos architectos.

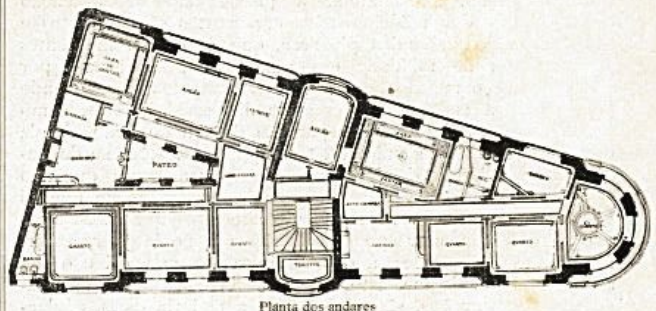
Na verdade, das suas fachadas, não resalta, como por exemplo, das fachadas do Theatro de D. Maria II, ou da fachada do Banco Lisboa & Açores, a expressão nitida do seu destino, não estando, n'ellas, patente nem a força que, na obra de Ventura Terra, determina o poder material da entidade que n'essa construcção se abriga, nem a graça e delicadeza accentuadamente classicas que marcam, na obra de Lodi, o architecto do nosso theatro normal, o destino enequivoco de envolvero da arte divina e tradicional a que esse edificio é votado.

Mas, isto não é uma fraqueza, mas antes uma affirmacção de poder. Adães Bermudes, que caracterizou tão superiormente o seu magnifico projecto em construcção para a casa do sr. Conde do Agrolongo, provou assim ter comprehendido bem a obra que aqui tinha a realizar. Destinada a ser alugada, esta casa tem por funcção essencial agradar a todos, não podendo, portanto, exteriorisar-se com um caracter determinado, sob pena de, atrahindo uns, affastar os outros.

Como as portadas dos seus mercadores, que devem estar abertas de par em par ao grande publico, as entradas dos seus andares devem acolher sempre, indistinctamente, os que, em procura de abrigo, a ellas se dirijam. E o architecto, não se esquecendo d'este destino indeterminado do edificio, procurou por isso, sem uma expressão exclusiva, que seria um defeito, dar á construcção um caracter leve e gracioso que, na sua linha geral e nos detalhes, a fixasse com agrado na retina de todos. Fez, por esta fórma, architectura, e architectura da melhor. E Adães Bermudes não resolveu só, com felicidade, esta hypotese. Resolveu, igualmente, da melhor maneira, a da conformação especialissima do terreno, e a da sua situação não menos especial. E, por isso, o gaveto que é, por assim dizer, a lombada d'esse enorme livro entreaberto, cujas capas seguem, uma no alinhamento da Avenida D. Amelia e a outra no alinhamento do Intendente, marca admiravelmente, com a nobreza das suas linhas, o angulo em que se ergue, servindo de orientador aos que, de longe, se dirijem a esse local.

A casa é, de resto, toda ella d'um felicissimo movimento, avolumando ainda mais o destaque dos tres corpos salientes de cada uma das suas fachadas lateraes pelo resalte que o architecto lhes soube dar, no primeiro andar, com a opposição que, ás varandas de pedra d'esses corpos, fez com a verdadeira renda de ferro de que guarneceu as saccadas das partes reitranentes do edificio.

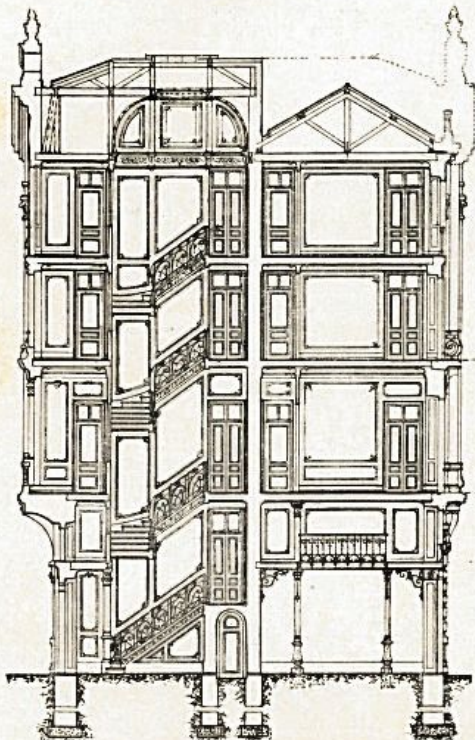
A distribuição das aberturas concorre tambem para a boa valorisação d'esse effeito. E aqui, o architecto resolveu um difficil problema dadas as disposições draconianas da Camara, que não permitem pavimentos de altura inferior a tres metros. As janellas das sobrelojas concorrem para quebrar a monoto-



nia das fachadas, sem deixar de respeitar as disposições camarias, porque não correspondem á divisão d'um andar, e, nem por isso, são menos logicas visto darem para o piso de uma galeria que circunda interiormente, a essa altura, as lojas.

Depois, a casa do Largo do Intendente, provando na sua linha geral o valor do architecto que a projectou, prova ainda esse valor em todos os seus detalhes, mostrando, por esta fórma, Adães Bermudes saber bem que a verdadeira architectura não existe sem a concordancia de tres qualidades essenciaes: boa construcção, bom aproveitamento e boa plastica. A sua casa, em cujas fachadas, se entretecem com a maior liberdade e uma stylisação pessoalissima, alguns motivos da nossa architectura dos seculos XVII e XVIII e differentes elementos na-

turalistas, desenvolve-se, através dos seus pavimentos, n'um synobolismo gracioso e sobrio que rompe, junto ao primeiro andar, com varios motivos aquaticos entalhados pelos canteiros na pedra e realísados pelos serralheiros nas grades, passa, em seguida ao piso immediato já em formas da vida da terra, plasticisando-se depois, no ultimo pavimento, na interpretação egualmente original dos elementos e animaes do ar.



Corte transversal

D'esta forma, os golpinhos, enguias e gyrasoes, avolumam de pedra n'um relativo hieratismo que lhes dá a natureza do material em que estão esculpidos, ao lado da quasi aerea gaze (1) em que se desentranham, do ferro, as libelulas, os escaravelhos e as borboletas. E este contraste não é um dos menores encantos d'esta construção.

Todos os elementos constructivos, encontram, assim, em Adães Bermudes um artista que, sem se esquecer do seu fim racional, lhes faz entretanto, e ao mesmo tempo, fallar a verdadeira linguagem de sonho que a arte de architectura nunca deixou de exprimir, nos bons tempos em que ella viveu uma outra vida mais desafogada e livre do que a que, infelizmente, agora vive.

José de Figueiredo

NOTAS

A direcção dos trabalhos do excellento predio que reproduzimos no presente numero da nossa revista, foi confiada ao sr. Sebastião de Deus Bragança, constructor civil diplomado, que, ainda novo, está evidenciando uma grande pericia na difficil arte da construção e uma competencia technica pouco vulgar.

As grades de ferro, que são de muito valor artistico, foram executadas por distinctos serralheiros de Coimbra, e os azulejos pintados pelo sr. Jorge Pinto, artista de raro merito, que está concorrendo com o maior fervor para o resurgimento d'essa especialidade ceramica em Portugal. Os estuques e decorações interiores foram confiados ao consciencioso estucador sr. Manoel Ennes Trigo.

Das canalisações incumbiu-se o sr. Neves da Piedade, que depois de ter procedido a essa instalação, resolveu instalar o seu bello estabelecimento na loja principal do mesmo predio.

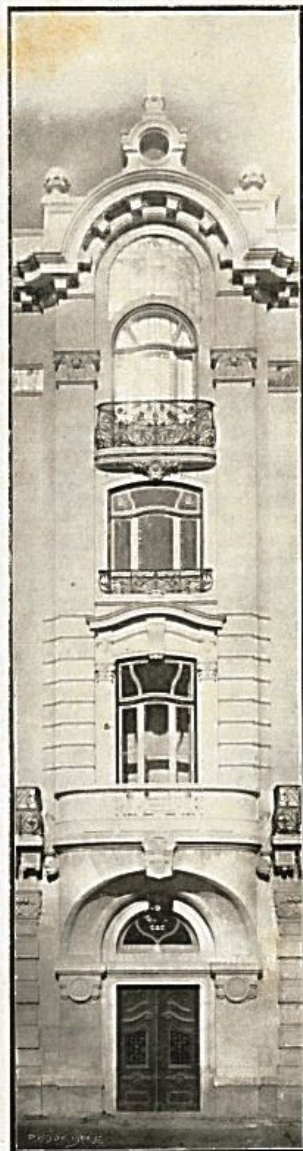
(1) Todas as saccadas em ferro são outros tantos mimos artisticos que, honrando os serralheiros de Coimbra que as executaram; os srs. Lourenço d'Almeida, Antonio Maria da Conceição, Manoel Pedro de Jesus e João Gomes Junior, honram tambem o professor que educou estes operarios d'arte, o illustre artista sr. Augusto Gonçalves.

O Monumento de Mafra

(Continuado do n.º 6)

Entre outras muitas obras de admiração e grandeza q.º o muito poderoso e memoravel S.º Rey Dom João o 5.º de glorioza memoria mandou fazer, foi huma dellas a magnifica obra de Mafra, onde se vê o mais sumptuozo convento, e o mais polido Templo, q.º pode caber na imaginação. Foy dedicado á Virgem Maria e ao esclarecido Portuguez Sancto Antonio de Lisboa. Dando motivo para esta empreza, o votto q.º aquelle soberano Rey havia feyto de fundar hum convento aos Religiosos Capuchos da Provincia da Arrabida, em honra de S. Antonio, se pelos seus rogos conseguiu-se de Deos a desejada successão, q.º havia mais de dous annos esperava, depois do seu Augusto consorcio. Lansou-se a primeyra pedra no alicerce desta obra em 17 de Novembro, dia de S.ª Salomé Religioza da mesma ordem, do anno de 1717. O Patriarcha Dom Thomas de Almeida a benzeu, acompanhado das Dignidades, e conegos da sancta Igreja. Fez-se esta cerimonia com magnificencia, e foi hum acto muy lusido, e mui vistozo, em q.º claramente se deu a conhecer, a piedade, e Religião do magnanimo Rey, q.º ainda não satisfyto com as ceremonias costumadas em semelhantes occasiões, levou nas suas reaes mãos hum cesto com huma pedra, q.º botou no alicerce. Da mesma sorte o fizerão os senhores Infantes D. Francisco e D. Antonio. a quem seguirão os grandes, e officiaes da casa todos por sua ordem, com cestos, e pedras, para n'estes fundamentos, se ver levantado aquelle Templo, que cresceu em 13 annos, e se poz a Igreja capaz de se usar d'ella, e o convento de ser habitado pelos Religiozos. Chegou o dia da Sagração da Igr.ª q.º foy em 22 de Outubro do anno de 1730, fazendo esta função o mesmo Patriarcha com assistencia d'el-Rei, e de toda a familia Real, a q.º acompanhou a corte: executando-se tudo com grandeza, lusimento e magnificencia.

Esta obra he grande, e sumptuosa, não só pela Igreja, mas pelo convento, em q.º assistem em quaze todo o anno, mais de 300 Religiosos: tudo q.º aly se vê he precioso, e na ultima perfeição pelo polido, e delicado. A perfeição das finissimas pedras, polidos bronzes, Estatuas, ornamentos, e o mais q.º com mayor individuação-mostraremos nesta relação. Não quiz El-Rey q.º se alterasse em cousa alguma o Estatuto da Prov.ª da Arrabida. Finalmente tudo he Magestozo, e agrada-



Detalhe do «bow-window» e porta de entrada

vel. Será esta obra p.^a todos os seculos hum eterno Padrão onde veja a posteridade a incomparavel grandeza do fundador deste Edificio.

RELAÇÃO
DO SUMPTUOSO CONVENTO DE
SANTO ANTONIO DE MAFRA

Tem o frontespicio da Igreja do Convento de S. Antonio de Mafra, q.^e olha para a parte do Poente dous magnificos Pallacios nos lados, e em cada hum delles hum Torreão q.^e lhe adornão a frontaria; tem de comprimento mil palmos, e 229 portas e janellas. As paredes dos Pallacios e de toda a quadra do Convento, tem de altura 125 palmos. Os Torreões q.^e estão nos lados dos Pallacios tem cada hum de altura 237 palmos. As Torres, q.^e são duas, repartida cada huma em trez sineyras, tem cada huma seu carrilhão na prim.^a sineyra. Tem de altura do chão até á ponta da cruz (1) 314 palmos. Cada huma destas Torres tem 58 sinos, (2) destes pertencen-



Grade de janella

cem a cada carrilhão 49 (3). Os da primeyra grandeza peza cada hum 625 arrobas. Os de segunda peza cada hum 291 arrobas. Os da terceira peza cada hum 231 arrobas. Os da quarta peza cada hum 99 arrobas e assim vão diminuindo até serem campainhas de arroba (4). As rodas e engenhos dos carrilhões pesão 1420 quintaes. Os Gallos das grimpas das torres tem cada hum de comprimento nove palmos. A escadaria q.^e sobe para o Portico da Igreja tem 21 degraos repartidos em tres lanços e do Portico p.^a a Igreja trez degraos. Tem esta escadaria hum cerco de 24 Pilares, ou columnelos redondos; cada hum delles tem de alto 4 palmos e 3/4 e de grosso 2 palmos. O Portico tem de comprido 131 palmos, e de largo 31.

Na frontaria da Igr.^a estão quatro Estatuas de pedra, que são das imagens de S.^{ta} Clara, S.^{ta} Izabel Raynha da Hungria, S. D.^{os} e S. Francisco de Assis. No remate do frontespicio está huma grande lamina redonda tambem de jaspe, em q.^e se vê esculpida a Imagem de Nossa Snr.^a e S. Antonio, que he o Orago da Casa. N'este frontespicio á entrada do Pateo estão doze columnas brancas de marmore, seis em baixo, e seis em cima, e dentro no Portico nos lados da porta principal da Igreja estão duas columnas abertas a meya cana, do mesmo marmore, mas de menos grandeza. Por cima desta porta está outra lamina de jaspe semelhante á referida, e nos lados duas portas com admiraveis frontespicios, á imitação das do meyo, mas de mayor grandesa. Dentro do mesmo Portico da Igreja estão 14 Estatuas de jaspe das Imagens de S. Bernardo, S. Bento, S. Vic.^{ta} Martyr, S. Sebastião, S. Bruno, S. João da Matta, S. Caetano, S. Francisco de Paulla, S. Felix de Valois, S. Pedro Nolasco, S. Ignacio, S. João de Deos, Santa Thereza de Jesus e S. Felipe Nery (5). E da parte de dentro da Igreja, estão 40 Estatuas da mesma grandeza, e do mesmo jaspe, e pela ordem seguinte: Dentro da Capella do Santo Christo estão os quatro Doutores da Igr.^a, Santo Agostinho, S. Gregorio, S.^{to} Ambrozio, e S. Jeronymo.

Na Capella dos Santos Bispos estão os Apostolos S. Simão, S. B.^{neu}, S. Matheus, e S. Thadeu. Na Capella do Rosa-

rio, outros quatro Apostolos, S.^{to} André, S. Pedro, S. Paulo, e Santiago Mayor. Na porta travessa de banda do Norte está S. Roque, S. Francisco de Borja, S. Carlos Borromeu, e S. Francisco Xavier. Na Capella da Conceição (6), estão os Anjos S. Raphael, S. Miguel, S. Gabriel e o Anjo Custodio.

Na Capella de S. Pedro de Alcantara, S. Joaquim, S. João Baptista, S. José, e S. Anna. Na Capella dos Santos Confessores, S. Lucas, S. Mathias, S. Bernabé, e S. Marcos. Na Capella dos Santos Virgens, S.^{ta} Elias, S.^{ta} Thomaz de Aquino, S. Boaventura, e S. Paullo primeyro Ermitão. Na porta travessa da banda do Sul, S. Maria Salomé, S.^{ta} Barbara, Beata Ritta de Cacia, e S.^{ta} Izabel Rainha de Portugal.

(Continua).

(1) A cruz que encimava cada uma das torres foi substituida pela haste metallica que serve de pára-raios. A primeira collocação de pára-raios nas torres data de 1787 e foi feita sob a direcção do Conego regente D. Joaquim da Assumpção Velho. Conta-se que este Conego, ancioso por conhecer a excellencia do seu trabalho, subiu aos terraços na primeira oportunidade e alli pretendia assistir aos efeitos de uma trovoadá que se achava eminente. O leigo que o acompanhava, atemorizado com o estrondo dos trovões, não se deixara convencer das razões scientificas que D. Joaquim allegava infalliveis, e quando este tentava socegar-o de um receio e sustos injustificados pois que as faveas deviam, segundo as leis, obedecer ás hastas metallicas e preferil-as sempre na sua queda, o leigo implorou uma retirada prudente, para evitar algum raio, disse elle, que não soubesse das leis da physica!

(2) Actualmente o numero de sinos é de 56 na torre do norte e 54 na do sul. Havia mais 6 sinos: a garrida, no terraço do Zimborio, que serviu e serve ainda para dar signal ás torres, durante as ceremonias religiosas na Igreja; um sobre o saguão das aulas, no prolongamento sul do edificio, que se destinava ao serviço escolar do convento, hoje empregado sómente para annunciar as missas resadas na Basilica; um no terraço sobre as enfermarias do convento, que foi retirado depois da extinção das ordens religiosas, e que annunciava aos frades a presença do medico; dois sobre os saguões cylindricos do convento, destinados ao serviço do coristado e noviçado, tambem retirados depois de 1834; e o ultimo no dormitório dos donatos, entre as duas torres, retirado ha annos.

(3) Os carrilhões comprehendem os dois generos classicos, *mechanico* e *manual*, em cada uma das torres. O teclado dos carrilhões manuaes tem a extensão de 4 oitavas chromaticas, desde o Sol, ao Fá, sustenido do indice francez. Porém, na torre do norte faltam o Sol, sustenido e o Fá, sustenido, e na torre do sul o Sol, sustenido. Logo o carrilhão manual d'aquella torre dispõe de 46 sinos e o d'esta ultima de 47, que os tornam superiores aos da França, que tem como de mais principal o de Dunkerke, com 44 sinos, aos da Hespanha que só contam de melhor o do Escorial, com 32 campanas puestas em consonancia por bemoles y diferencias (D. Philippe Pedrell - *Organographia Musical*), e os faz rivalisar com os da Belgica e Hollanda. Os carrilhões mechanicos, compostos de cylindros com cavilhas de aço, e que funcionam pelo systema do orgão Barberi, tem a nota fundamental em Sol, como no systema manual, e a mais aguda em Dó, do mesmo indice. A descripção minuciosa dos carrilhões pode ler-se no *Monumento de Mafra - Guia illustrada* ed. de 1906.

(4) Em todas as obras que se tem escripto sobre o Monumento de Mafra, são arbitrados pesos diferentes aos sinos dos carrilhões. No *Monumento de Mafra Guia illustrada* - ed. de 1906, tratei desenvolvidamente do assumpto, arbitrando pesos aos sinos das torres, que divergem dos calculados até aquella data, não tomados ao acaso ou baseados na tradição, mas deduzidos dos principios da sciencia musical.

(5) Estas estatuas, com excepção de S. Bernardo, S. Bruno, S. Bernardino e S. João da Matta, estão assignadas por *Agostinho Corsini-Bolognese*, *Bernardinus Ludovisus - Romano*, *Carlo Monaldi - Romano*, *Petrus Bracci - Rom*, e as datas variam de 1731 a 1773.

(6) As capellas collateraes da *Conceição* e de *S. Pedro de Alcantara* mudaram de nome ao tempo dos conegos regentes (1771-1791): a do lado da Epistola, em relação á Capella Mór, denominava-se de *S. Pedro de Alcantara* e a do lado do Evangelho era chamada da *Conceição*. Quando os quadros a oleo dos Capellos foram substituidos pelos retabulos em marmore, inverteram os conegos as dedicações das capellas. A do lado do Evangelho tem hoje o quadro a oleo collocado primitivamente na capella de S. Pedro de Alcantara, o unico que não foi substituido, e a do lado da Epistola tem o retabulo em marmore, copia do primitivo quadro a oleo da capella da *Conceição*.

JULIO IVO

RECTIFICAÇÃO

No artigo sobre a casa do sr. Conde Armand, do nosso ultimo numero, saíram umas duas ou tres incorrecções insignificantes, mas entre ellas uma bastante importante que convem rectificar.

Na linha 29.^a da 2.^a columna da 2.^a pagina, onde se lê Occidente, deve ler-se Oriente.



Grade de peitoris

PREDIO DO DR. GUILHERME AUGUSTO COELHO

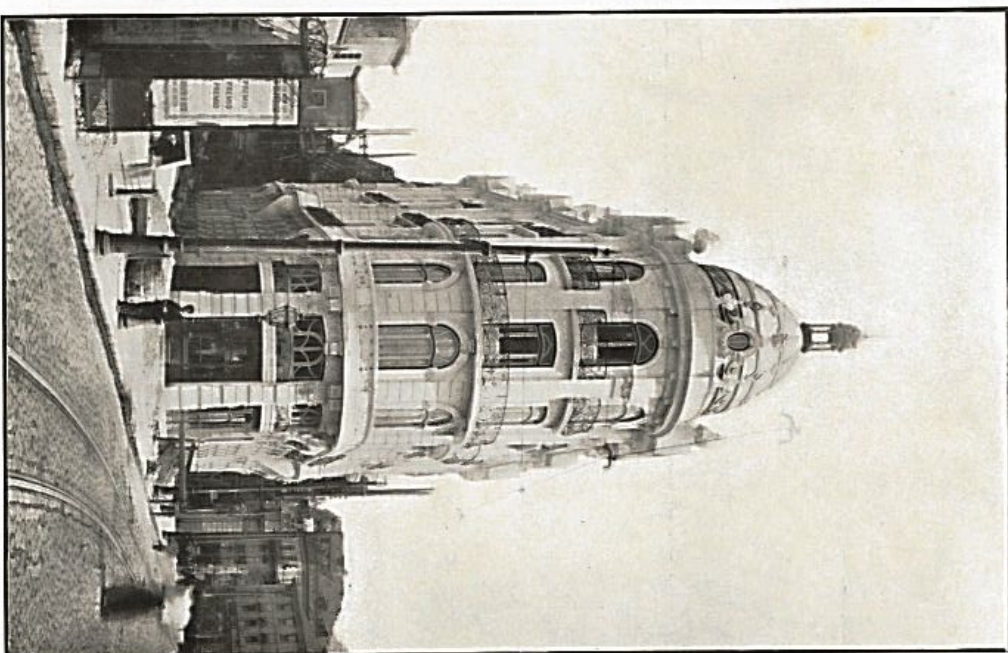
NO ANGULO DA AVENIDA D. AMELIA E LARGO DO INTENDENTE



PERSPECTIVA DO LADO DA AVENIDA D. AMELIA

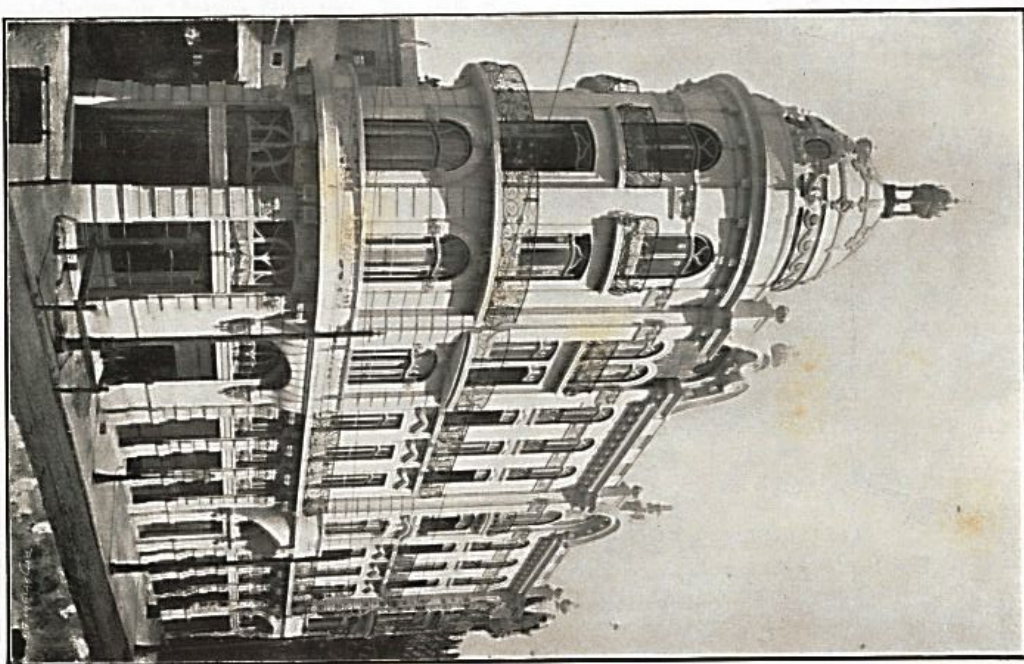
PREDIO DO DR. GUILHERME AUGUSTO COELHO

NO ANGULO DA AVENIDA D. AMELIA E LARGO DO INTENDENTE



ARCHITECTO: ADAS BERNARDES

PERSPECTIVA DE FRENTE



PERSPECTIVA DO LADO DO INTENDENTE